

RESENHA CRÍTICA

MATEUS, Maria Helena Mira. (org.) *Caminhos do Português*. Lisboa, Biblioteca Nacional, 2001.

Sob a coordenação da linguísta Maria Helena Mira Mateus, em comemoração ao transcurso do Ano Europeu das Línguas, a BN de Lisboa publicou em 2001 um catálogo intitulado *Caminhos do Português*. Na obra de 260 p., com 16 reproduções em preto e 64 coloridas (algumas miniaturizadas), os ensaios vêm acompanhados dos catálogos dos manuscritos e obras da exposição a eles pertinentes, e se conclui com vários índices que auxiliam o encontro de temas e pessoas ali focalizadas.

Nessa obra, dez especialistas passam em revista cerca de 827 anos de língua portuguesa, desde quando, no latim jurídico-notarial do início do século XII, se insinuavam palavras vernáculas. Estruturada em cinco grandes núcleos, a obra traz ainda um apêndice sobre o português europeu e o insular.

No primeiro núcleo, Ana Maria Martins (Univ. de Lisboa) faz recuar a primeira manifestação do português escrito, do reinado de dom Afonso II para o de dom Afonso Henriques. Trata-se da *Notícia de Fiadores*, datada de 1175, pertencente ao fundo documental do Mosteiro de São Cristóvão de Rio Tinto, e atribuída a Pelágio Romeu, ou melhor, Paio Soares Romeu, nobre cujo nome se acha nos *Livros de Linhagens*. O ensaio é seguido de onze documentos de entre 1175 e 1243.

No segundo, Telmo Verdelho (Univ. de Aveiro), após examinar a emergência do português nos documentos notariais, por iniciativa de dom Dinis, passa em revista o papel das cartilhas para ensinar a ler, a partir do primeiro quartel do séc. XVI; o surgimento das gramáticas e dos dicionários bilíngües quinhentistas, bem como dos primeiros tratados ortográficos (até 1767, com o *Compêndio* de Monte Carmelo), demonstrando com a farta produção gramatical latino-portuguesa quinhentista por que esse é o século áureo de nossa gramatocografia.

Rita Marquilhas (Univ. de Lisboa), no terceiro, debruça-se sobre a discussão setecentista em torno da normatização ortográfica portuguesa. Assim, examina especialmente a contribuição das normas ortográficas do *Vocabulário Portuguez, e Latino* e das *Prosas Portuguezas*, ambas de dom Rafael Bluteau, bem como das emanadas da *Orthographia da Lingua Portugueza* (1736), de

dom Luís Caetano de Lima, e da *Arte da Grammatica da Lingua Portuguesa* (1771), de Antônio José dos Reis Lobato. No mesmo bloco, Rui Tavares fala dos esforços da Real Mesa Censória no sentido de conseguir a normatização ortográfica para o português daquele século.

Maria Lucília Gonçalves Pires (Univ. de Lisboa), no quarto núcleo, comenta a polêmica em torno das propostas revolucionárias do *Verdadeiro Método de Estudar* (1746), e se detém naquelas que reputa mais importantes: a necessidade de que se explique aos aprendizes o latim (bem assim qualquer língua estrangeira), em língua portuguesa, e só após o conhecimento da estrutura gramatical desta; a necessidade de maior aproximação da ortografia em direção da ortoepia, com a supressão do *h* dos dígrafos de origem grega (*rh, ph, th*); e a imperiosa necessidade de se preparar, com objetivos didáticos, uma edição abreviada do *Vocabulário* de Bluteau.

Mostra, ainda, que, se, de um lado, o VME suscitou reações como as *Reflexões apoloéticas* [...], do frei Arsênio da Piedade (pseud. de José de Araújo); do outro, ensinou-lhe ponderações importantes, como as que lhe formularam Cândido Lusitano (pseud. de Francisco José Freire, na *Ilustração crítica* [...]) (1751) e Francisco de Pina e Melo, na *Balança intelectual* [...] (1752). Conclui-se o artigo com a apreciação das repercussões do VME nas obras didáticas que se lhe seguiram e na publicação, em 1793, do primeiro tomo do *Dicionário da língua portuguesa*, pela Academia Real das Ciências de Lisboa.

Luís Prista (Univ. Nova de Lisboa) assina o estudo que ocupa o quinto núcleo: *De filólogos a lingüistas*, em que procura conceituar e exemplificar (com obras e autores) esses dois tipos de especialistas, entre os quais se incluem os gramáticos e os glotólogos. Dedicava especial interesse pelas polêmicas em que esses homens de letras se envolveram; conta pormenores jocosos sobre seus hábitos e manias, grandezas e fraquezas; fala dos políglotas e de seus trabalhos de divulgação junto ao povo; de modo a dar-nos um rico painel dos estudos lingüísticos e afins em Portugal, dos meados do séc. XIX aos meados do séc. XX.

A obra se conclui com um panorama rico e atual das *Varietades dialectais portuguesas*, assinado por Luísa Segura e João Saramago (ambos da Univ. de Lisboa). Nesse ensaio, os dois lingüistas expõem os traços fonéticos característicos dos dialetos setentrionais (transmontanos e alto-minhotos; e baixo-minhotos, durienses e beirões; bem como a variedade do Baixo Minho e Douro Litoral); dos dialetos centro-meridionais (do centro-litoral: estremenho-beirões, e do centro-interior e sul: ribatejano, baixo-beira, alentejano e algarvios, bem como as variedades existentes na Beira Baixa, no Alto Alentejo e no Barlavento

do Algarve); e os dialetos insulares (o madeirense e o açoriano). Finalizando-o, a dialectóloga Manuela Barros Ferreira (Univ. de Lisboa) ilustra esse bloco com os sinônimos e as variantes da palavra *vaga-lume* no português continental, extraídos de seu estudo policopiado *Zoônimos dialectais portugueses. Coccinella septempunctata e Lampyrinoctiluca*. Esses investigadores integram a equipe que ora se dedica ao levantamento do *Atlas Lingüístico de Portugal e da Galiza*.

Com os abrangentes ensaios deste *Caminhos do Português*, firmados por reconhecidos especialistas desses segmentos, que repassam os momentos mais importantes desses 827 anos do português escrito, a Biblioteca Nacional de Lisboa, a cuja frente se acha o Prof. Doutor Carlos Reis, e a Fundação Calouste Gulbenkian, que o fez publicar, marcaram a firme presença da história externa do nosso idioma nas comemorações do Ano Europeu das Línguas em 2001.

Antonio Martins de Araujo